Roger E. Olson - Uma Escolha Básica Muito Negligenciada na Teologia

- Imprimir

Categoria: Roger E. Olson
Publicado: Terça, 03 Novembro 2015 10:39
Acessos: 1076

Muitos evangélicos (e outros) gostam de dizer que toda a sua teologia vem da Bíblia, mas há ao menos uma crença a respeito de Deus que toda pessoa racional sustenta que não é diretamente baseada na Escritura. E o que esta pessoa acredita a respeito disto faz muita diferença no que mais ela pensa sobre Deus. Eu às vezes me pergunto se esta é realmente a questão fundamental que levanta os aparentemente intratáveis debates sobre a soberania divina. Ela aparece claramente no debate de Lutero com Erasmo, mas parece se tornar obscura nos debates posteriores entre calvinistas rígidos (e outras versões deterministas da teologia reformada) e arminianos (e outros sinergistas, como os anabatistas).

Recentemente alguém postou uma mensagem em meu blog dizendo que (parafraseando) "Deus pode fazer o que bem entender." Esta é uma ótima expressão coloquial do que os filósofos da religião e teólogos chamam de "voluntarismo". (É claro que, assim como a maior parte dos termos filosóficos e teológicos, esta palavra tem vários significados, mas aqui eu me refiro a uma em particular; então calma – não presuma nada ainda.) As raízes e contornos do voluntarismo filosófico-teológico são muito debatidas pelos historiadores intelectuais. Alguns acreditam que ele apareceu na história intelectual cristã com Pedro Abelardo; outros o datam com William de Ockham e há ainda outros que acreditam que Duns Scotus é o seu primeiro real formulador. Mas há pouquíssima dúvida de que Lutero e Zuínglio acreditaram nele e simplesmente o assumiram como a visão correta da soberania de Deus.

O voluntarismo é geralmente considerado a expressão do nominalismo a respeito do ser e da vontade de Deus. O nominalismo é uma família de visões que surgiu em algum momento durante a Idade Média na Europa. Mais uma vez, os estudiosos traçam sua origem de volta ou a Abelardo, ou a Ockham, ou a Scotus. Ele tem muitas expressões diferentes, mas todas têm em comum a crença de que universais tais como "verdade", "beleza" e "bondade" são conceitos ou termos, e não têm status ontológico. A visão mais tradicional, simplesmente aceita pela Igreja Católica medieval, é geralmente intitulada de "realismo". (Novamente, "realismo" tem muitos significados e usos na história intelectual; aqui ele está sendo usado tecnicamente como o oposto do nominalismo a respeito do status dos universais.) O realismo diz que os universais são mais do que meros termos ou conceitos; eles têm algum tipo de status ontológico – "existência", se você preferir. Eles existem independentemente da mente de qualquer criatura. (É discutido entre os realistas se eles existem independentemente da mente de Deus; platonistas rígidos provavelmente diriam que sim, enquanto a maioria dos cristãos concordaria com Agostinho ao dizer que não.)

O voluntarismo é a crença de que Deus não é controlado ou nem mesmo guiado em suas decisões e ações por qualquer natureza eterna estruturada. Nem mesmo Deus tem tal natureza. Para um voluntarista, Deus é um ser eterno de absoluto poder e liberdade e não é limitado por um caráter eterno. (A maior parte dos voluntaristas concordaria, contudo, que Deus é limitado pela lógica. Mesmo Ockham pensou assim, embora Lutero não parecesse pensar desta forma – pelo menos não em seu debate com Erasmo.)

Um não-voluntarista (realista teológico) acredita que Deus tem um caráter eterno e imutável que controla, ou pelo menos guia, as suas decisões e ações. Isto foi claramente aceito por (até onde eu sei) todos os Pais da Igreja (incluindo especialmente Agostinho) e teólogos medievais pelo menos até Abelardo. O que Tomás de Aquino pensava a respeito deste assunto é muito debatido, mas a maioria dos estudiosos acredita que ele foi um realista teológico.

C. S. Lewis foi um ávido defensor do realismo teológico que desprezou o nominalismo e o voluntarismo e atribuiu a maioria, se não a totalidade, dos problemas do pensamento moderno (filosófico e teológico) a eles. Seu pequeno livro *A Abolição do Homem* é uma polêmica sustentada contra o nominalismo. Lewis fez o teste decisivo nos seguintes termos: "Algo é bom porque Deus diz que é, ou Deus

diz que algo é bom porque este algo é bom?" Um nominalista-voluntarista diz que algo é bom porque Deus diz que é. Um realista ou não-voluntarista afirma que Deus diz que algo é bom por este algo ser bom.

Outra forma de colocar a diferença é esta: um realista não-voluntarista acredita que Deus tem uma natureza eterna e imutável que é pura e absolutamente boa, sendo ela a própria bondade, e nem mesmo Deus pode violá-la. Mesmo Deus não pode usar sua onipotência e liberdade de escolha para fazer coisas que são más (contra sua própria bondade). Um nominalista-voluntarista diz que Deus não tem tal caráter limitante e que qualquer coisa que Deus decida fazer é automaticamente boa só pelo fato de Deus decidir fazê-la.

A expressão mais clara do nominalismo-voluntarismo que eu conheço é Ulrico Zuínglio que, em seu livro *Da Providência de Deus*, argumenta repetidamente que qualquer coisa que Deus faz é boa e que ele não pode ser julgado por nenhuma lei. (E ele claramente não se referia a nenhuma lei humana; ele queria dizer nenhuma lei, qualquer que seja.) Isto pode ser encontrado igualmente na diatribe de Lutero contra Erasmo a respeito da liberdade da vontade.

Na verdade, quando eu leio o debate entre Lutero e Erasmo eu tenho a impressão de que eles são como dois navios cruzando à noite. Eles nem sequer estão se comunicando. E a razão disto é que cada um está pressupondo algo totalmente diferente a respeito da natureza e da soberania de Deus. Erasmo, sendo um realista e não-voluntarista, acredita que Deus não pode fazer o que é mau. E ele acredita que nossas melhores ideias humanas de bem e mal não são totalmente incomensuráveis em relação às ideias de Deus. Lutero, sendo um nominalista-voluntarista, acredita que Deus pode fazer absolutamente qualquer coisa e que é sempre errado dizer que "Deus não pode..." (Não é claro se Lutero acreditava que Deus pode fazer o que é logicamente contraditório.)

Quando alguém diz que "Deus pode fazer o que bem entender" eu me lembro de Lutero e Zuínglio. Ouvindo esta afirmação, eles gritariam "Amém!". Erasmo, Armínio e outros, tanto entre católicos como entre protestantes gritariam "Não!" – dizendo que Deus só pode fazer o que é consistente com sua própria natureza (Barth).

Estou sugerindo que todos os calvinistas foram e são nominalistas-voluntaristas? Ou que os arminianos devem ser realistas e não-voluntaristas? Não necessariamente. Contudo, me parece que o debate entre calvinistas e arminianos sobre a soberania de Deus frequentemente repete debates mais antigos e mais básicos sobre se Deus tem uma natureza eterna e imutável ou não. Às vezes Calvino soou como um voluntarista (como Zuínglio) e outras vezes ele soou como um não-voluntarista. Estudiosos têm se alinhado em ambos os lados sobre se ele foi um ou outro.

Talvez os debates entre calvinistas e arminianos pudessem ser esclarecidos se os debatedores deixassem claro suas convicções sobre a natureza de Deus. Eu sei que eu tenho muito mais em comum, tendo mais facilidade em concordar e, portanto, tenho uma discussão mais significativa com um calvinista que é claro sobre suas convicções realistas/não-voluntaristas do que com um que não tem certeza sobre o assunto, ou que é um nominalista/voluntarista convicto.

Isto me parece ser outro daqueles divisores de águas na teologia onde a Bíblia não é de tanta ajuda como nós gostaríamos que fosse. Talvez a decisão de ser um nominalista ou um realista seja anterior à interpretação de textos. Como, então, alguém decidiria com qual lado se alinhar? Provavelmente considerando as consequências de cada um e decidindo com qual conjunto de consequências ele pode viver. Por exemplo, se Deus não tem um caráter eterno e imutável que controla, ou pelo menos guia as suas decisões, e se Deus pode fazer absolutamente qualquer coisa, sem limites (exceto talvez o da lógica), por que não acreditar que Deus poderia, e, portanto, pode negar as suas promessas? Pode-se confiar em um Deus assim?

A questão fundamental, a meu ver, volta ao significado de uma declaração como "Deus é bom". Todo cristão que eu conheço afirma isto. Mas a declaração pareceria algo totalmente diferente para um nominalista/voluntarista do que para um realista/não-voluntarista. Para o primeiro, isto só pode significar que o poder absoluto como o que Deus possui é bom, ou que qualquer coisa que Deus faça é automaticamente boa, ou ambos. Para o último, isto significa que no próprio Deus existe uma estrutura moral que proíbe até mesmo Deus de fazer certas coisas – como mentir.

A questão sobre como nós podemos saber o que a “bondade de Deus” significa é uma questão secundária em relação à questão primária que eu descrevi acima. Mas um realista/não-voluntarista argumentará que um nominalista/voluntarista não pode saber significativamente o que isto quer dizer, exceto que qualquer coisa que Deus faça é boa. Então, é claro, não há conexão entre a bondade de Deus e o melhor da bondade em nossa experiência, a não ser pelos comandos de Deus. Mas os comandos de Deus não nos dizem nada a respeito do próprio ser ou da natureza de Deus.

Eu frequentemente estou inclinado a pensar que debates entre calvinistas e arminianos que não vão a lugar nenhum além de uma disputa de berros têm muito a ver com esta diferença filosófica fundamental. É claro que ambos os lados acreditam que a Escritura está do lado deles, mas a própria Escritura em lugar nenhum remete à questão como colocada aqui. Tanto os nominalistas quanto os realistas podem ler e interpretar “Deus é amor” consistentemente com a sua visão. Mas quando um calvinista diz que o “amor” de Deus é diferente do nosso amor e com isto quer dizer que é qualitativamente diferente e não apenas quantitativamente diferente, eu suspeito que ele está dando sinais de ser um nominalista/voluntarista, estando ele ciente disto ou não. Então eu suspeito que nós estejamos usando “jogos de linguagem” completamente diferentes, por assim dizer. Eu não tenho certeza, então, de que nós possamos sequer nos comunicar significativamente, porque enquanto nós estamos usando as mesmas palavras, nós não queremos dizer a mesma coisa com elas.

Eu às vezes sou tentado a pensar que esta é a mais básica divergência entre cristãos – se Deus tem um caráter eterno e imutável que guia, se não controla, suas decisões e ações ou não. C. S. Lewis acreditou que este era um divisor de águas na cultura em geral e atribui a maioria, se não a totalidade, dos males da cultura ocidental moderna (a “abolição do homem”) à influência do nominalismo.

Fonte: http://www.patheos.com/blogs/rogereolson/2010/12/a-much-neglected-basic-choice-in-theology/

Tradução: Thiago Silva dos Santos

Revisão: Paulo Cesar Antunes